

Apresentação: *A paranóia nos negros,* (Nina-Rodrigues), parte 3 (final)

Publicamos agora a terceira e última parte do ensaio de Raimundo Nina-Rodrigues sobre a paranóia nos negros. Recordando, na primeira parte, o autor apresentou uma revisão sobre a “Existência da paranóia nos negros” e sobre sua “Frequência nos pretos brasileiros”, e ainda deu início à discussão sobre as “Formas clínicas da paranóia nos pretos brasileiros”, descrevendo o caso I, representante do grupo A, “delírio crônico de evolução sistemática de Magnan”. Na segunda parte, continuando as “Formas clínicas”, foram apresentados mais dez casos: os casos II a V foram igualmente classificados no referido grupo A; no grupo B estavam as observações VI a VIII, casos que seriam chamados de “paranóia” por Teixeira Brandão ou de “delírio sistematizado dos degenerados” por Magnan. O grupo diagnóstico C (casos de IX a XI) reuniu observações de indivíduos sofrendo de “paranóia homicida de Del Grecco” (Nina-Rodrigues, 2004).

Aqui, teremos a finalização da descrição das “Formas clínicas da paranóia”, onde se encontram as observações XII a XVI. Os casos XII e XIII seriam representantes do grupo D, “paranóia aguda”; os casos XIV e XV pertenceriam ao grupo E, “paranóia indiferente ou sem delírio” e o caso XVI exemplificaria o grupo F, dos “perseguidos-perseguidores ou querelantes”.

Em seguida, referindo-se aos casos descritos, Nina-Rodrigues discutirá a “Semiologia da paranóia nos negros”, especialmente no que se refere às alucinações, aos conteúdos dos delírios e suas relações

com as crenças religiosas e com o ambiente sociocultural brasileiro, especialmente o da Bahia, concluindo que “o estudo precedente demonstra claramente que a manifestação da paranóia nos negros é fundamentalmente a mesma que a paranóia nos brancos”.

Tal afirmação remete ao eixo central deste ensaio, ou seja, às formulações adotadas pelo autor brasileiro e alinhadas às da *psicopatologia comparada* européia do início do século XX, da qual um dos representantes mais ilustres foi Emil Kraepelin. Ou seja, o médico brasileiro analisa a loucura entre negros e mestiços brasileiros partindo da convicção de que haveria uma *forma* essencial da doença mental e que apenas seu *conteúdo* seria variável conforme a evolução mental e o meio cultural do doente, como já apontamos anteriormente (Oda e Dalgallarrondo, 2004, p. 156).

Pensamos que, dos casos apresentados nesta terceira parte, dois se destacam. Ambos são classificados na polêmica categoria “paranóia sem delírio”. Curiosamente, o prenome de ambos é o mesmo, Cândido; ambos nasceram na Bahia como pessoas livres e, ainda, os dois foram “voluntários da pátria” na Guerra do Paraguai (1865-1870).

O primeiro é Cândido V. dos Santos, mestiço escuro, sapateiro, que tempos depois do retorno do Paraguai à capital baiana abandona sua profissão, passa a ter uma vida errante; na posição social ambígua em que se encontravam muitos dos veteranos da recente Guerra, torna-se alvo de chacotas e objeto de diversão de alguns que, aproveitando-se de suas veleidades de grandeza, o levam a crer que fora nomeado duque de São Salvador e indicado à presidência da República. Tido como louco manso, circula pela cidade e, apesar de miserável, é mesmo “bem recebido por certas pessoas da boa sociedade”. Enfim, Nina-Rodrigues parece tê-lo conhecido bem e descreve sua história com detalhes.

O mesmo não ocorre com relação ao outro Cândido, em que são notáveis a superficialidade da descrição e a análise apressada. Trata-se de Cândido da Fonseca Galvão, negro baiano “muito alto e corpulento”, que retorna da Guerra do Paraguai com a patente de alferes dos zuavos, honra obtida por atos de bravura, e passa a morar na capital do Império, tornando-se ali mais conhecido como o príncipe Obá II d’África.

Embora o autor diga tê-lo visto, quando passou um ano no Rio de Janeiro estudando, reconhece que sua análise psicológica é precária e as informações quase todas tiradas de Melo Moraes Filho, que descreveu aquele “tipo de rua” em *Festas e tradições populares do Brasil*. Mas, mesmo hesitante, Nina-Rodrigues o inclui na categoria dos paranóicos sem delírio, enfatizando que suas idéias de realza seriam pura invenção, frutos de um caráter desequilibrado e orgulhoso, idéia compartilhada pela elite carioca, que via como excessiva condescendência a atitude do imperador Pedro II, que o tratava como um protegido.

Orgulhoso parece que Dom Obá realmente era, e com motivos. De acordo com o historiador Eduardo Silva, autor de um cuidadoso trabalho de recuperação da vida deste filho de africanos forros, nascido por volta de 1845 em Lençóis (BA), há fortes indícios de que ele fosse realmente neto de um rei, Abiodun, soberano do império Oyo. E assim era considerado por muitos escravos, libertos e homens livres de cor, que lhe prestavam reverência e contribuía financeiramente, não só para sua manutenção, mas para que pudesse publicar suas idéias em jornais, combatendo a discriminação dos negros e expondo suas posições políticas: Cândido Galvão-Obá orgulhava-se muito de “preto ser” (Silva, 1997). Alguns destes textos, escritos numa linguagem muito própria, mistura de português, ioruba e latim, podem ser lidos na excelente obra de E. Silva, *Dom Obá II D'África, o Príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*.

Finalizando, gostaríamos de assinalar novamente a relevância histórica do ensaio “A paranóia nos negros”, e a importância de sua primeira publicação em português, um século depois da edição francesa. Cremos que este ensaio seja uma rica fonte de estudo, podendo ser lido de muitas maneiras, sendo um texto onde se cruzam momentos-chave da história do Brasil e da história da psicopatologia. Enfim, nele se revelam indícios da construção de uma área do conhecimento, permitindo reconhecer a determinação histórica e cultural de toda prática dita científica.

Referências

- MELO-MORAES FILHO, J.A. *Festas e tradições populares do Brasil*. Prefácio de Sílvio Romero. Revisão e notas de Luis da Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. p. 309-312.
- NINA-RODRIGUES, R. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico legal (1903). Partes 1 e 2. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 161-78, jun./ 2004 e ano VII, n. 3, p. 131-58, set./ 2004.
- ODA, A.M.G.R., DALGALARRONDO, P. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: “A paranóia nos negros”, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 147-60, jun./ 2004.
- SILVA, E. *Dom Obá II D'África, o Príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 262 p.